

O SILÊNCIO GOVERNAMENTAL: Interferências e Negligências na Aldeia Indígena Ximborenda – Ka’apor.

Jorge Sales dos Santos
José Augusto Lopes da Silva

Resumo

A questão indígena tem sido bastante debatida no cenário atual, pois a luta pela garantia dos direitos dos índios, bem como a preservação de costumes e cultura, vem aumentando significativamente. Neste sentido, tal trabalho surge como um relato de experiência gerada pelo desenvolvimento de uma ação solidária realizada no território indígena do alto Turiaçu, aldeia Ximborenda- MA, com o objetivo de criar estratégias que levem ao combate do avanço indiscriminado da ação do “homem branco” nas florestas e territórios indígenas Ka’apor. Para tanto foi levado em consideração pontos importantes acerca da cultura, saúde e educação, bem como a interferência sofrida por esses setores ao longo do tempo. Desta forma, verifica-se o grande descaso e abandono no tratamento dos índios pelos setores governamentais e a luta pela preservação de sua cultura e manutenção do seu povo, frente a uma demanda crescente de perseguições e invasões territoriais.

Palavras-chave: Cultura, Ka’apor, Indígena.

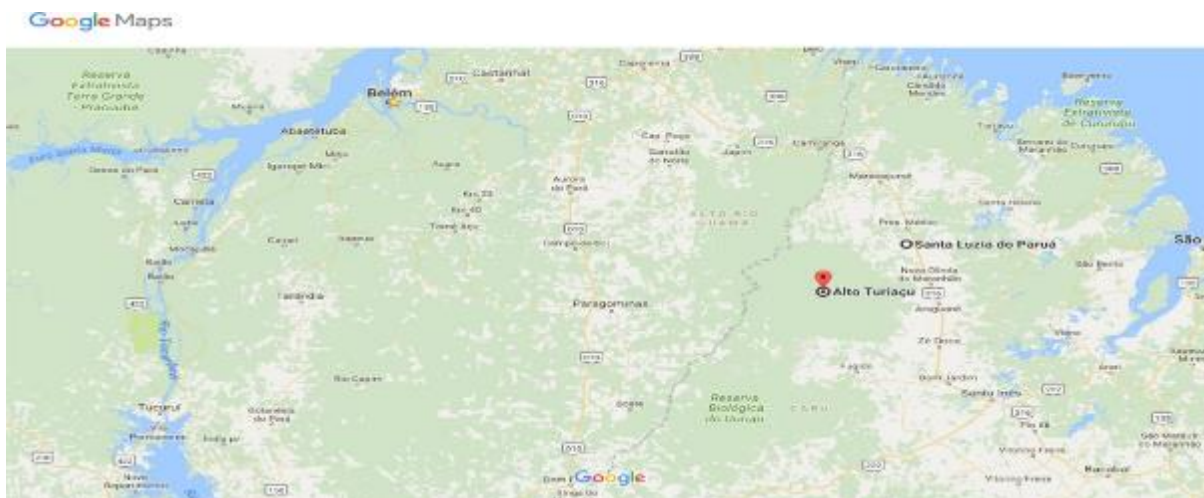
Introdução

Este trabalho surge como resultado preliminar de uma pesquisa de campo e ação solidária em educação e saúde realizada junto ao povo ka’apor, aldeia Ximborenda, município de Maranhãozinho - Terra Indígena Alto Turiaçu, Maranhão, onde são investigadas as consequências da interferência do estado na cultura indígena que ao longo do tempo vem causando diversos problemas sociais.

São abordados aspectos como educação, saúde e cultura, bem como suas mudanças no espaço indígena e as modificações causadas pelos mesmos. Fatores estes que levam a perda da autonomia cultural devido à deterioração do meio social, abrangendo a interligação com o espaço urbano e os conflitos que envolvem problemas sociais e a interferência na natureza presente em território indígena.

Tal temática tornar-se de suma importância, pois abrange o debate do território e as demarcações de terras indígenas, onde conflitos tomam força na disputa social e ambiental, esquematizando a conjuntura dos interesses industriais e comerciais do grande, médio e pequeno produtor, onde há a ausência do estado nessas áreas para administrá-las.

Figura 1: Localização Território Indígena Alto Turiçu



Fonte: Google Maps

Objetivos

Desenvolver pesquisas sobre movimentos sociais e a questão indígena, criando projetos interdisciplinares que possam integrar grupos de áreas distintas do conhecimento com ações para promover as ligações entre o meio acadêmico e as comunidades rurais indígenas, onde priorize-se a criação de estratégias para combater as violações contra estes povos, em especial o povo Ka'apor, alvo de diversas violências físicas e sociais, mostrando de que forma as interferências territoriais e culturais estão ocorrendo e como têm papel decisivo para o desenvolvimento da vida indígena em todos os seus aspectos.

Metodologia

Foi realizada uma pesquisa de campo, onde diversos grupos sociais uniram-se para realização de uma ação solidária em educação e saúde, dando continuidade a serviços já realizados anteriormente no território indígena Ka'apor. Tendo ainda a finalidade de levantar dados, por meio de entrevistas informais, para a articulação e continuação das ações dos serviços, desenvolvimento e a manutenção da cultura local.

Resultados Preliminares

O Espaço

O Homem consegue relacionar-se com o espaço de várias formas, sendo por meio da natureza com a maestria de transformá-la em matéria prima ou através dos mecanismos urbanos, onde encontra-se frequentemente em contato com o meio para a sua locomoção e sobrevivência. Com o povo Ka'apor não é diferente, na aldeia do século XXI, casas de alvenaria encontram-se sobrepostas as de madeira, barro e as ocas, todas coexistindo harmonicamente com a natureza que insiste em erguer-se com sua beleza. O espaço natural tenta manter-se vivo, contrariando as ações do homem, que traz a destruição do mesmo acarretando diversos fatores negativos, estes por sua vez acabam afetando e fragmentando a cultura indígena. Desta forma, o índio Ka'apor tornar-se alvo da radical cultura urbana, onde os problemas sociais tomam força e assumem papel em meio aos fragmentos da cultura que tenta sobreviver com a ajuda de lutas que são travadas para a sua reconstrução, uma vez que há o abandono nítido do estado, sendo o índio vítima dos problemas sociais urbanos.

Figura 2: Aldeia Ximborenda



Fonte: Autoral

As modificações do espaço ganharam outros contrastes impulsionadas pelo desenvolvimento gerado a partir da integralização da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), em meados dos anos 90, onde houve a construção de uma casa de apoio, posto médico e uma área de convivência que serviria como espaço para o colégio indígena que abrangeria outras aldeias ao redor do Território Indígena do Alto Turiaçu com sede na aldeia Ximborenda. Tal

projeto de educação e saúde tinha por objetivo englobar o desenvolvimento social rural para a preservação da cultura histórica, a partir da articulação dos órgãos governamentais. No entanto, a falta de administração nas ações de implantação e manutenção acabou gerando diversos problemas que alteram o meio social e estrutural da vida dos índios Ka'apor.

Figura 3: Casa de Apoio – FUNAI, Aldeia Ximborenda.



Fonte: Autoral

Encontram-se hoje na aldeia prédios deteriorados pelo tempo, casa de apoio abandonada, sendo usado como moradia para os indígenas e para os visitantes, com quartos repletos de materiais escolares consumidos por traças e umidade, painéis solares em caixotes, danificados pela falta de uso e manutenção, enquanto os que foram instalados na integração da FUNAI estão sem funcionamento a pelo menos 10 anos. Tal implantação dos painéis surgiu como ideia inovadora para a solução do problema com a falta do fornecimento de energia elétrica, causado pela distância e localização, que ocorreu por meio da ação do estado em prol do desenvolvimento social indígena. No entanto, houve a retirada do governo com o decorrer do tempo deixando-os sem assistência e orientação, prejudicando a continuidade do projeto.

Com o acesso facilitado para a cidade mais próxima, Santa Luzia do Paruá- MA, os indígenas iniciaram uma relação com a sociedade urbanizada, relação esta que trouxe, entre outras consequências, o consumo em grande quantidade de drogas lícitas e ilícitas, causando o início da desestruturação cultural e a fragilização do meio social, pois os índices de violência e de enfermidades aumentaram significativamente nos últimos anos.

Figura 4: Painéis Solares Sucateados Sem Funcionamento.



Fonte: Autoral

Outro fator que causa desequilíbrio social e espacial na aldeia é atuação ilegal de madeireiros no território indígena, pois gera consequências irreparáveis devido às queimadas que se tornam causa de outras ameaças como o empobrecimento da flora e fauna da região e a extinção da vida animal local, afetando diretamente os moradores, pois a caça, um dos principais meios de sobrevivência, não pode ser praticada devido à escassez.

Figura 5: Mapa do desmatamento acumulado na TI Alto Turiaçu em 2014



Fonte: Instituto Socioambiental

Disponível em: <https://www.socioambiental.org>. Acesso em 02 de Maio de 2017 às 15:27

Têm-se ainda o aumento da pobreza na aldeia agravada pela má administração dos recursos de programas de transferência de renda do governo federal que de certa forma fomenta o comodismo e a mudança na cultura, onde a necessidade de caçar para sua subsistência diminui

exponencialmente e com a facilidade de acesso à cidade, fatores do meio urbano encontram-se integrados diretamente ao meio rural causando uma forte desarmonia e desequilíbrio no âmbito social.

A Cultura e Educação

Estruturas que deveriam comportar instituições de saúde e educação, por exemplo, encontram-se sucateadas e abandonadas, refletindo diretamente no modo de vida do povo Ka'apor. Entretanto, em meados de 2013, movimentos sociais do Pará ingressaram na luta dos indígenas, com a intenção de reconstruir o cenário sociocultural local. Devido à falta de recursos técnicos e financeiros, as dificuldades têm se agravado até os dias atuais, mas a batalha para implantar uma educação de qualidade aos poucos está se consolidando. O plano de educação está sendo implantado pela frente da luta Ka'apor, grupo com intenções lançadas e enfatizadas no dia dez de fevereiro de 2017, na Universidade do Estado do Pará- UEPA, em mesa redonda sobre os desafios do povo da terra, embasando a luta social do povo Ka'apor.

Figura 6: Reunião com o povo Ka'apor.



Fonte: Autoral

Os planos educacionais pilotos começaram a ser implantados em 2016, sendo que somente nos últimos meses ganharam forma, com maior apoio do povo ka'apor que passaram a reconhecer os trabalhos desenvolvidos na aldeia, pois sabem da necessidade do conhecimento para a proteção do território e da cultura contra as ações do “homem branco”, que para eles é todo não índio, também conhecido como “carã”.

Alguns poucos jovens da aldeia têm a oportunidade de estudar em cidades mais próximas, onde ficam em casa de “conhecidos” e aos finais de semana retornam para a aldeia, os mesmos demonstram um bom nível de conhecimento e são fluentes em português. Assim, fazem parte do pequeno grupo que possuem domínio da língua portuguesa, onde sua maioria fala apenas a língua Ka’apor, rica e complexa, que causa muitos desafios para as equipes de educadores que desenvolvem projetos de ensino aprendizagem no local. Desafios estes quebrados quando se percebe que a língua local deve ser valorizada para que haja aprendizagem e troca de saberes, enriquecendo as culturas.

Além dos desafios já conhecidos, surge o desafio de adequar o ensino ao dia a dia do aluno/aldeia, onde as ciências humanas e linguagem relacionam-se a cultura e o espaço em geral, as ciências exatas com o modo de caça e lazer e as ciências da natureza com o modo de lidar com o meio ambiente e a vida animal. Tudo isso interfere diretamente no modo de caça, por exemplo, onde observa-se à preocupação com a preservação de espécies ameaças de extinção devido exploração ilegal que ocorre em seu território e em seus arredores.

Saúde

Nos diálogos com as lideranças ka’apor, além da educação, a saúde é tida como o principal desafio a ser enfrentado pelo povo. O contato direto com a sociedade ao longo dos anos, trouxe uma série de consequências, uma delas foi a variabilidade de doenças transmitidas pelo “homem branco”. Várias dessas doenças são tidas como “comuns”, porém, na aldeia a imunidade dos índios é essencialmente baixa, tornando-os alvo fácil. Soma-se a isso a falta de políticas públicas voltadas para a saúde local, tudo acaba gerando sérios problemas.

Segundo as lideranças da aldeia, entre 2014-2016 morreram cerca de 20 pessoas com doenças trazidas do meio externo, fora do âmbito da aldeia, sendo que apenas 15 mortes foram reconhecidas pela Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI), causando grande desconforto dos indígenas com o poder público, o que se agrava ainda mais pela falta de assistência média na aldeia, sendo que os mesmos são geralmente enviados a cidade de Zé doca para receber auxílio.

Esse descontentamento com o sistema de saúde e com a distância para obter tratamento gera conflitos nos hospitais e muitas vezes a negação da procura pelos mesmos, levando os

índios a padecerem com enfermidades que poderiam ser facilmente curadas. O posto de saúde da aldeia Ximborenda, que comporta as estruturas e instalações deixadas pela FUNAI, acaba não sendo utilizado para fins de saúde devido à falta de profissionais capacitados para atender a demanda das aldeias que abrangem o território indígena, sendo que apenas um técnico de enfermagem realiza atendimento em raros momentos, obtendo resultados pouco satisfatórios para a manutenção da saúde no local.

Figura 7: Posto de Saúde ao Fundo.



Fonte: Autoral

Em relato, uma das lideranças, Marilza Ka'apor, relata que em 2016 uma moradora da aldeia deu entrada no hospital de Zé Doca inúmeras vezes e acabou dispensada em todas, sendo que em sua última internação, que durou cerca de 4 meses, acabou indo a óbito. Tal cenário reflete o descaso e a falta de capacidade técnica dos setores do estado em atender as necessidades dessas minorias com relação a saúde.

Nas visitas da Frente em defesa a luta Ka'apor, sempre há preocupação de levar suporte médico para atender as demandas e realizar levantamentos das principais causas de doenças e como podem ser evitadas, pois há fatores que acarretam em doenças, como a modificação dos costumes culturais pelo “homem branco”. A adoção de medicamentos comercializados e o abandono dos remédios caseiros com plantas medicinais, que eram transferidos de geração a geração, acaba afetando diretamente todos os setores sociais da aldeia, gerando grande desequilíbrio.

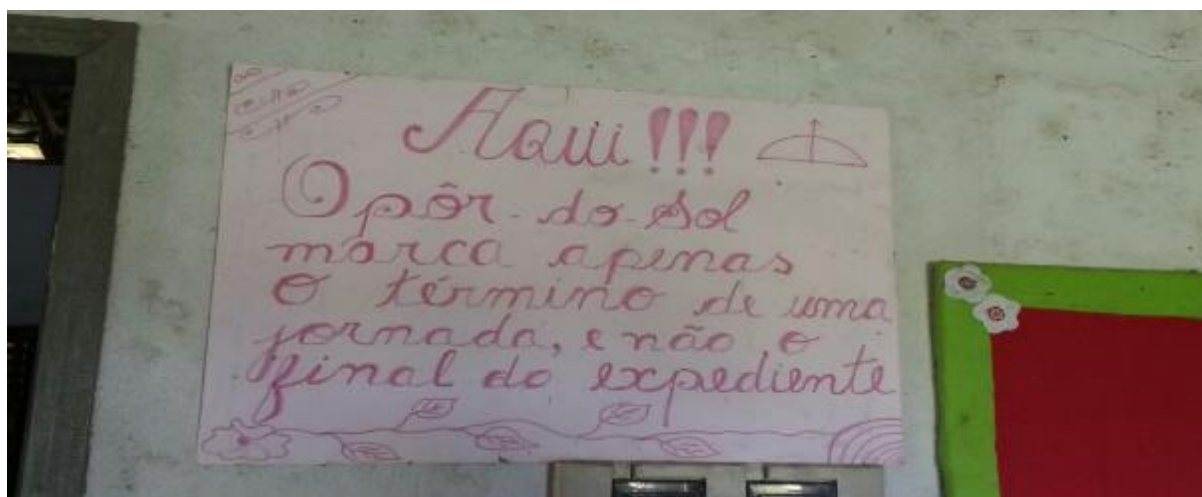
Considerações Finais

Ações afirmativas e sociais precisam ser empregadas na Aldeia Ximborenda que detém grande riqueza natural, porém já modificada por fatores urbanos. O conflito e a rápida incorporação de elementos da cultura externa, fazem com que o povo Ka'apor perda e desvalorize seus costumes, sendo muitas vezes sufocado pela quantidade de elementos de outras culturas que surgem.

Atualmente percebe-se a luta dos Ka'apor para a recuperação dessa cultura e o diálogo com associações não governamentais que defendem a harmonia dos saberes e crenças adquiridas em toda sua história. Procura-se fazer a ponte para reconstrução e a autonomia indígena rural dos Ka'apor, por meio do restabelecimento do diálogo com as aldeias próximas para que aja a união de forças e o reestabelecimento da saúde, educação e estruturas que gerem o desenvolvimento de um meio de subsistência. Assim, volta-se a lutar contra a interferência indiscriminada e a exploração por parte dos órgãos governamentais existentes na região.

Assim, a continuidade das pesquisas e ações no território indígena através da Frente de Apoio a Luta Ka'apor se propõe a levar recursos e assistência em saúde e educação, juntamente com a troca de conhecimentos, pois com os Ka'apor aprende-se tanto quanto se ensina, devido apresentarem uma cultura enriquecida através do tempo.

Figura 8: Cartaz na Parede do Posto de Saúde.



Fonte: Autoral

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Ana Valéria et al. **Povos indígenas e a lei dos “brancos”**: o direito à diferença. Brasília. Ministério da Educação, Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade: LACED/ Museu Nacional, 2006.

ATHIAS, Renato; PINTO, Regina Pahin. **Estudos indígenas**: comparações, interpretações e política. São Paulo. Contexto, 2008.

COELHO, Elizabeth Maria Beserra. **Cultura e sobrevivência dos índios no Maranhão**. São Luís (MA). PPPG/EDUFMA, 1987.

CORREIA, Kátia Núbia Ferreira. Muita terra para pouco índio? São Luís (MA). Editora UFMA-PROIN-CS, 2000. Editora Universidade de Brasília, 1978.

ESTATÍSTICA, Instituto Brasileiro de Geografia e. **Os indígenas no senso demográfico 2010**: primeiras considerações com base no quesito cor ou raça. Disponível em < https://www.ibge.gov.br/indigenas/indigena_censo2010.pdf> Acesso em 01 de Setembro de 2017.

MELATTI, Julio Cezar. **Índios do Brasil**. São Paulo. Editora HUCITEC, 1980.

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de (Org.). **Sociedades indígenas e indigenismo no Brasil**. Rio de Janeiro. Editora Marco Zero, 1987.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **A sociologia do Brasil indígena**. Rio de Janeiro.

PEDON, Nelson Rodrigo. **Geografia e Movimentos Sociais**: dos primeiros estudos à abordagem socioterritorial. São Paulo (SP). Editora UNESP, 2013.

RIBEIRO, Darcy. **Meus índios, mina gente**. Brasília (DF). Editora UnB, 2010.

SACHS, Ignacy; WILHEIM, Jorge; PINHEIRO, Paulo Sérgio. **Brasil**: um século de transformações. São Paulo (SP). Companhia das Letras, 2001.

SILVA, Aracy Lopes (Org.). **A questão da educação indígena**. São Paulo. Editora Brasiliense, 1981.

Sites

Ka'apor enfrentam nova ofensiva de madeireiros no Maranhão. **Instituto Socioambiental**. Disponível em: <https://www.socioambiental.org/pt-br/noticias-socioambientais/kaapor-enfrentam-nova-ofensiva-de-madeireiros-no-maranhao>. Acesso em 02 de Maio de 2017 às 15:27.